

Mulheres em situações de conflito: breve olhar sobre a guerra na Ucrânia

Women in conflict situations: a brief look at the war in Ukraine

Iaras-GEDES¹

Resumo

O uso da “curiosidade de gênero”, colocada no horizonte dos estudos sobre Segurança Internacional por autoras feministas, gera constante tensão nas bases das Relações Internacionais. O conflito Rússia-Ucrânia constitui um exemplo da necessidade de se olhar para as guerras a partir de lentes de gênero que questionem os papéis sociais de mulheres e homens nesses processos que deterioram profundamente o tecido social. O Iaras, Núcleo de Estudos de Gênero do Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional (Iaras-GEDES), apresenta aqui um esforço coletivo para discorrer sobre as diversas narrativas em torno das mulheres em situações de conflito, destacando as contribuições das abordagens que utilizam o gênero como uma categoria de análise nos debates sobre segurança internacional. A pergunta ‘onde estão as mulheres na guerra russo-ucraniana?’ serve como guia para analisar as complexidades do conflito, suas particularidades e a identificação dos papéis sociais que mulheres e homens, como anuncia uma ampla literatura, tendem a desempenhar em situações de conflito armado. Entre as imagens de vítimas e combatentes, existe

282

Recibido: 30 de marzo de 2022 ~ Aceptado: 6 de julio de 2022 ~ Publicado: 20 de julio de 2022

¹ Iaras-GEDES: Núcleo de Estudos de Gênero do Grupo de Estudos de Defesa e Segurança, UNESP, São Paulo, Brasil. O Iaras-Gedes é um coletivo acadêmico feminista composto por: Gabriela Aparecida de Oliveira, Mestranda PPGRI ‘San Tiago Dantas’  <https://orcid.org/0000-0001-5383-7507>; Helena Salim de Castro, Doutora em Relações Internacionais pelo Programa ‘San Tiago Dantas’, Unesp/Unicamp/PUCSP,  <https://orcid.org/0000-0003-3059-2150>; Maria Cecília de Oliveira Adão, coordenadora do Iaras-Gedes, Doutora em História Política pela Unesp,  <https://orcid.org/0000-0002-9399-7916>; Kimberly Alves Digolin, Mestre em Relações Internacionais, professora da UNIP, São Paulo, Brasil,  <http://orcid.org/0000-0003-4460-3252>; Maria Aparecida Felix Mercadante, Mestranda PPGRI ‘San Tiago Dantas’,  <https://orcid.org/0000-0002-6736-033X>; Cristian Daniel Valdivieso, Doutorando PPGRI ‘San Tiago Dantas’,  <https://orcid.org/0000-0002-4126-8527>; Danielle A. Makio, Mestranda PPGRI ‘San Tiago Dantas’,  <https://orcid.org/0000-0002-5142-7368>; Bárbara Campos Diniz, Doutoranda PPGRI ‘San Tiago Dantas’,  <https://orcid.org/0000-0001-5893-9836>; Beatriz Azevedo Coutinho, Doutoranda PPGRI ‘San Tiago Dantas’,  <https://orcid.org/0000-0003-3306-8928>; Raissa do Vale Vieira, Mestranda PPGRI ‘San Tiago Dantas’,  <https://orcid.org/0000-0002-0807-6072>; Beatriz Vieira Rauber, Mestranda PPGRI ‘San Tiago Dantas’; Suzeley Kalil, Livre-Docente em Ciência Política pela Unesp, professora no PPGRI ‘San Tiago Dantas’,  <http://orcid.org/0000-0003-0354-9675>; Graduandos e graduandas em Relações Internacionais da FCHS-Unesp, Franca. Correio eletrônico: iaras.gedes@gmail.com



um amplo espectro de tarefas e funções realizadas por mulheres de ambos os países, atuações que rompem as amarras dos estereótipos de gênero que moldam os olhares tradicionais da disciplina.

Palavras chave: Conflito Rússia-Ucrânia, Segurança Internacional, Perspectiva Feminista.

Resumen

El uso de la “curiosidad de género”, colocada en el horizonte de la Seguridad Internacional por autoras feministas, genera constante tensión en la disciplina de Relaciones Internacionales. El conflicto Rusia-Ucrania constituye un ejemplo sobre la necesidad de observar las guerras a partir de lentes de género que cuestionen los papeles sociales de mujeres y hombres en esos procesos que deterioran los tejidos sociales. El Iaras, Núcleo de Estudios de Género del Grupo de Estudios de Defensa y Seguridad Internacional (Iaras-GEDES), presenta aquí un esfuerzo colectivo para reflexionar sobre las diversas narrativas sobre las mujeres en situaciones de conflicto, destacando las contribuciones feministas sobre seguridad internacional. La pregunta ‘¿en dónde están las mujeres en la guerra ruso-ucraniana?’ sirve como guía para analizar las complejidades del conflicto, sus particularidades y la identificación de los papeles sociales que mujeres y hombres, como anuncia una vasta literatura, tienden a desempeñar en situaciones de conflicto armado. Entre las imágenes de víctimas y combatientes, existe un amplio espectro de tareas y funciones realizadas por mujeres de ambos países, actuaciones que rompen las cadenas de los estereotipos de género que moldean las miradas tradicionales de la disciplina.

Palabras clave: Conflicto Rusia-Ucrania, Seguridad Internacional, Perspectiva Feminista.

Abstract

The use of "gender curiosity", placed on the horizon of International Security by feminist authors, generates constant tension in the discipline of International Relations. The Russia-Ukraine conflict is an example of the need to observe wars based on gender lenses that question the social roles of women and men in these processes that deteriorate social fabrics. The IARAS, Gender Studies Centre of the Defense and International Security Studies Group (IARAS-GEDES), presents here a collective effort to reflect on the various narratives on women in conflict situations, highlighting feminist contributions on international security. The question is: where are the women in the Russian-Ukrainian war? serves as a guide to analyze the

complexities of the conflict, its particularities and the identification of the social roles that women and men, as announced by a vast literature, tend to play in situations of armed conflict. Among the images of victims and combatants, there is a wide spectrum of tasks and functions performed by women from both countries, actions that break the chains of gender stereotypes that shape the traditional views of the discipline.

Keywords: Russia-Ukraine conflict, International Security, Feminist Perspective.

1. Introdução

O presente artigo discorre sobre as diversas narrativas em torno das mulheres em situações de conflito, destacando as contribuições das abordagens que utilizam gênero como categoria central de análise nas discussões envolvendo segurança internacional. Para isso, realizou-se uma breve revisão da literatura sobre o tema e, como ilustração desse debate, apresenta-se a atual guerra na Ucrânia. A fim de facilitar a leitura, dividiu-se o artigo em três seções, além desta breve introdução e das considerações finais.

Na primeira seção, sumariza-se a inclusão dos estudos de gênero nas agendas de Relações Internacionais e Segurança Internacional. Na sequência, aborda-se as contribuições dos estudos de gênero focados nas situações de conflito, enfatizando a importância de expandir o olhar sobre as mulheres para além dos papéis de vítimas. Na terceira seção, enfoca-se o caso específico do conflito entre Ucrânia e Rússia para indicar como a violência sexual pode ser utilizada como arma de guerra e, com isso, ilustrar os fatores políticos e econômicos que levam a uma exposição maior das mulheres às violências, além de identificar outros papéis que as mulheres ucranianas vêm desempenhando, voluntária ou involuntariamente, nessa guerra.

Cabem algumas palavras sobre a autoria do texto. Ele foi concebido e construído de forma coletiva, refletindo a maneira pela qual trabalha-se no Iaras,² que é um núcleo construído a partir da convergência de interesses entre pessoas em diferentes níveis de formação na academia brasileira, especialmente por pós-graduandos do Programa Interinstitucional em Relações Internacionais 'San Tiago Dantas'. O Iaras é um coletivo feminista interessado em temas que se localizam na intersecção entre segurança internacional e estudos de gênero, com vistas à promoção da equidade e da paz mundial. Replicando a identidade do GEDES, somos um núcleo plural, horizontal e cooperativo.

² Os materiais produzidos pelo Iaras-GEDES podem ser consultados na página oficial do grupo: <https://gedes-unesp.org/iaras/>.

Adotou-se o nome Iaras objetivando recuperar o simbolismo da sereia Iara, lenda indígena que descreve uma mulher silenciada e assassinada por ter ousado denunciar as ameaças que sofria em sua própria comunidade. Diz a lenda que Iara, após a morte, se converteu em sereia utilizando sua voz para proteger a si mesma e à natureza – reeditando, em outras latitudes, o mito grego das sereias que enfeitiçavam Ulisses. O nome é também uma homenagem a Iara Iavelberg (1944-1971), militante, guerrilheira e mulher injuriada, difamada e assassinada pela ditadura militar brasileira. Utilizar Iaras, de forma plural, tem como objetivo transformar seus nomes em outros tantos sujeitos que, como essas Iaras, (re)existem diariamente contra diversas opressões e silenciamentos.

Iaras tem ainda o sentido de mostrar o comprometimento de seus membros com o pensamento crítico acerca das relações internacionais, particularmente no que se refere às temáticas de segurança, iluminando as dinâmicas e relações de gênero, levando em conta as imbricações raciais, étnicas e socioeconômicas, assim como o histórico de colonização das sociedades latino-americanas. Por isso, como Iaras objetivamos criar um pensamento próprio que reflita as diferentes realidades e mundos por meio de um conhecimento plural, inclusivo e militante pela paz.

2. Gênero, mulheres e segurança internacional

285

Sabe-se que o primeiro curso de Relações Internacionais foi criado em 1919, no Reino Unido, com o objetivo de compreender as causas da guerra e as formas de promover a cooperação internacional. Tal curso foi criado tendo em vista os impactos ocasionados pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918), conflito que apontou para a necessidade de iluminar com maior ênfase uma área do saber voltada especificamente para os estudos da política internacional. No entanto, naquele momento, as análises restringiam-se sobremaneira às relações interestatais, e aos aspectos militares da segurança internacional, o que redundou em uma disciplina moldada pela questão da sobrevivência do Estado em um ambiente anárquico.

Tempos depois, especificamente a partir das décadas de 1970 e 1980, é que “novos atores” e “novas temáticas”³ passaram a ganhar espaço nesses debates. Entre estes novos temas, pode-se destacar as análises sobre as organizações não-governamentais e da opinião pública. Entretanto, a distinção de gênero, entre outros, continuou sendo ausente, enfatizando a marginalização das mulheres na própria construção da disciplina de Relações Internacionais. E ainda hoje não parece ser muito diferente. Como aponta um interessante estudo, publicações que adotam uma perspectiva de gênero ainda são raras nas Relações Internacionais: apenas 1,7% entre

³ O uso de aspas justifica-se para demarcar que esses atores e temáticas não surgem nesse momento, apenas ganham espaço na disciplina que antes os negligenciava.

447 artigos selecionados entre as mais importantes revistas latino-americanas entre 2009-2019 foram assim classificados (Di Giorgio *et al*, 2021, p. 416).

Considerando a subárea de Segurança Internacional, a presença de estudos que adotam gênero como categoria de análise é ainda mais escassa e surgiram apenas no final da década de 1980. As obras pioneiras nesse novo assunto foram *Women and War*, de Jean Elshtain (1987); *Bananas, Beaches and Bases: Making Feminist Sense of International Relations*, de Cynthia Enloe (1989); *Gender and International Relations: feminist perspectives on achieving global security*, de Judith Ann Tickner (1992); *Gendering war talk*, de Mariam Cooke e Angela Woollacott (1993); etc. De modo geral, essas análises propuseram uma revisão à forma de produção de conhecimento, assim como tensionaram a maneira convencional de se analisar as relações internacionais.

Tais abordagens buscam distância dos enquadramentos homogeneizantes e, em contrapartida, tentam incluir variáveis relativas à dimensão social dos fenômenos internacionais. Como sintetizam analistas referência na área,

uma abordagem ‘multidimensional e multinível’, comprometida com visões emancipatórias da segurança’ que procuram ‘compreender como a segurança dos indivíduos e dos grupos é comprometida pela violência, tanto física quanto estrutural, em todos os níveis’ [...], assumindo quase sempre uma abordagem de baixo para cima, analisando o impacto da guerra no micronível [...], além de aprofundar o objeto de referência e ampliar os setores aos quais a segurança se aplica. (Buzan; Hansen, 2021, p. 316)

Assim, diferente das abordagens tradicionais – com seu excessivo foco na figura estatal e sua percepção de segurança mais restrita ao aspecto militar –, as análises de gênero sobre segurança internacional incluem os grupos de indivíduos, além de alargarem a noção de violência para além da questão física e militarizada. Segundo Woollacott (2007, p. 1), “uma perspectiva feminista possibilita uma análise múltipla e interseccional entre hierarquias sociais e culturais, suas articulações, manifestações e efeitos”. No campo da segurança internacional, a autora compreende que a violência tem sido parte integrante do patriarcado e das relações de gênero; portanto, adotar uma perspectiva de gênero permitiria reconhecer a perversidade e a natureza sistêmica da violência contra as mulheres. Desse modo, tais análises permitem compreender o papel de agência e de resistência das mulheres, assim como permitem a formulação de discursos não-violentos e políticas de reconstrução da paz que levem em consideração as raízes mais profundas da guerra.

3. Conflictos armados e violência sob um olhar de gênero

Um dos objetivos das análises feministas e dos estudos de gênero é compreender como a construção e percepções sobre gênero (dicotomia masculino-feminino) interfere nos entendimentos, políticas e ações de segurança. As ideias construídas sobre gênero reforçam uma noção de que as guerras são realizadas pelos homens (o masculino hegemônico, o “soldado herói”) para proteger as mulheres (a vítima indefesa), contra um certo inimigo ou ameaça (o outro, também o masculino, mas não hegemônico), o que justifica o uso da violência nos combates (Tickner, 2001). Esse processo gera o que parte da literatura denomina como “mito do Estado protetor” (Wilcox, 2009; Peterson, 2010; Sjoberg, 2010).

A construção do Estado protetor, que tem características masculinas (força, racionalidade e virilidade), depende da construção de um sujeito a ser protegido, seja a Nação ou grupos sociais que são caracterizados por elementos femininos (fraqueza, emoção e passividade) (Tickner, 2001). Há uma lógica paternalista e protecionista da ação militar, a qual garante que estratégias ofensivas e violentas pareçam necessárias e defensivas para as pessoas (Wilcox, 2009).

Algumas análises de gênero chamam atenção para a tendência nas políticas de segurança de exaltar e valorizar ações repressivas, que são entendidas pelos governantes como mais efetivas, uma vez que expressam atributos considerados masculinos, como racionalidade, força e virilidade. No entanto, quando os Estados, por meio de suas forças de segurança, usam essa lógica, que ajuda a justificar o uso da violência para proteger as pessoas, eles promovem a insegurança em certos setores da sociedade (Tickner, 2001). A securitização de questões e problemas sociais (como é o caso do abuso e comércio de determinadas drogas) e a consequente militarização das ações estatais constituem um cenário de excepcionalidade e violência estatal.

Além de questionar o “mito do Estado protetor”, os estudos de gênero, especialmente os feministas, impulsionam reflexões sobre a necessidade de compreendermos o papel das mulheres em guerras e conflitos, ambiente em que as premissas e normas comportamentais são definidas por valores masculinos. O objetivo é entender o impacto distinto que a violência possui na vida das mulheres, o que não é possível sem uma perspectiva de gênero (Sjoberg y Via, 2010). Ao adotar uma lente de gênero na análise, é possível entender a participação das mulheres e atores marginalizados nos contextos de violência e criminalidade para além do papel de vítima, assim como questionar os diferentes significados e interesses envolvidos nas práticas de violência.

Moura (2008) assinala a importância de analisar a presença de mulheres (e, acrescentaríamos, outros atores não homens) nesses contextos, pois ajuda a romper

com os estereótipos que designam a feminilidade como inerentemente pacífica, além de contribuir para o desenvolvimento de políticas eficazes contra a violência armada. O caráter sexuado presente nos conflitos armados e nas guerras, que se baseia na “construção de identidades e sobre estruturas e mecanismos de poder e dominação”, acaba por tornar invisíveis as feminilidades e masculinidades marginalizadas, enquanto exalta uma determinada masculinidade (heterossexual, homocentrada e misógina) (Moura, 2008, p. 228).

Para ilustrar esses estereótipos e as contribuições das análises que adotam o gênero como uma categoria de análise, resgatamos a seguir o conflito entre Ucrânia e Rússia, destacando o lugar das ucranianas e a falta de atenção para as violências perpetradas e/ou sentidas por essas mulheres.

4. Gênero e violência no conflito Rússia-Ucrânia⁴

Desde o dia 24 de fevereiro de 2022, a Ucrânia tem sofrido com ataques russos a seu território e população. Motivações geopolíticas, econômicas, ideológicas e identitárias se entrelaçam criando um cenário complexo e incerto, cujos efeitos têm sido sentidos sobretudo pela população civil ucraniana. Até o momento de elaboração deste texto (junho de 2022) segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), o conflito havia provocado o deslocamento de mais de 7,5 milhões de pessoas, em sua maioria mulheres e crianças⁵, uma vez que homens entre 18 e 60 anos foram proibidos de deixar o país.

A maior vulnerabilidade de mulheres e crianças em cenários de guerra está longe de ser uma novidade. Ao olhar o conflito Rússia-Ucrânia a partir de uma lente feminista, é possível, entretanto, identificar os fatores políticos e econômicos que levam à maior exposição desse grupo a violências, além de identificar outros papéis que as mulheres ucranianas vêm desempenhando, voluntária ou involuntariamente, na guerra. Nesse sentido, a análise aqui guia-se por meio de uma pergunta que parece, em um primeiro momento, despreziosa: onde estão as mulheres na guerra russo-ucraniana?

Como sugere Cynthia Enloe (2014), refletir sobre os lugares ocupados pelas mulheres na política internacional leva a uma análise mais precisa de vários fenômenos, inclusive a guerra. Há uma literatura (Elshtain, 1995; Cohn, 2013; Goldstein, 2001) que se propõe a discutir os papéis desempenhados pelas mulheres nas guerras modernas e contemporâneas, em resposta às abordagens tradicionais que

⁴ Tópico inspirado em “Onde estão as mulheres no conflito Ucrânia-Rússia? Exercendo uma curiosidade feminista na análise das Relações Internacionais”, de Gabriela Aparecida de Oliveira, Danielle Amaral Makio e Helena Salim de Castro, publicado no blog do Eris <https://gedes-unesp.org/10142-2/>.

⁵ Para mais informações, acesse: <<https://data.unhcr.org/en/situations/ukraine>>.

reduzem a guerra a uma atividade essencialmente masculina. Elshtain (2009) diz que muito do nosso imaginário sobre mulheres, homens e guerra encontra-se moldado por dois arquétipos: o das “belas almas” e a dos “guerreiros justos”. O primeiro, associado às mulheres, exalta sua suposta natureza não-beligerante e sua necessidade de ser protegida; ao passo que o segundo se refere aos homens, seres “naturalmente” propensos à guerra. Embora, em termos históricos, a maioria das mulheres tenha de fato se mantido longe dos campos de batalha, elas sempre atuaram de outras formas nas guerras, o que tem sido mais recentemente recuperado por meios indiretos de pesquisa e análise.

As narrativas sobre as mulheres e a guerra se desenvolveram ao ponto de incluírem mulheres soldado, pacificadoras e ativistas pelos direitos humanos, resultado dos esforços especialmente feministas⁶ para preencher as lacunas e silêncios da literatura. Entretanto, na academia e em meios midiáticos, ainda predomina uma sub-representação feminina (ou não masculina) quando o assunto é a guerra. A mídia hegemônica e seus analistas de política internacional, muitos deles homens brancos privilegiados dentro da geopolítica do conhecimento⁷, tendem a priorizar discussões acerca das batalhas e das negociações entre os governos envolvidos nos conflitos. Com a guerra entre Rússia e Ucrânia não é diferente: as vozes femininas constituem menos de um quarto (23%) do total de especialistas, protagonistas ou fontes citadas nas notícias digitais globais (Kassova y Scharff, 2022). Um dos motivos para que as mulheres – principalmente aquelas que se autodeclaram feministas – sejam deixadas de lado é que elas supostamente representam interesses específicos e pouco relevantes para compreender o “quadro geral” das guerras (Enloe, 2014).

A mesma Enloe (2014, p. 6) avalia, por outro lado, que temos muito a ganhar ao exercer uma “curiosidade de gênero” sobre a política internacional, pois é por meio dela que podemos “descobrir exatamente como este mundo opera”. E essa “descoberta” só se torna possível na medida em que investigamos o poder: “quais são suas formas, quem o exerce e como alguns exercícios de poder foram camuflados ao ponto de não se parecerem com o poder” (Enloe, 2014, p. 8-9). Nesse sentido, cabe

⁶ O discurso feminista sobre a emancipação das mulheres inspirou, por exemplo, as últimas resoluções da Agenda “Mulheres, Paz e Segurança”, das Organização das Nações Unidas (como a Resolução 2122, de 2013), que discorrem sobre o potencial de agência das mulheres em conflitos. Se nas primeiras resoluções, as mulheres eram incorporadas tão somente como vítimas a serem protegidas, elas passam a ser gradualmente concebidas como agentes cruciais para o processo de recuperação e manutenção da paz de suas comunidades no pós-conflito. No entanto, a Agenda continua a relacionar, ainda que não explicitamente, as mulheres à paz e os homens à guerra.

⁷ A “geopolítica do conhecimento” é uma expressão usada por Walter Mignolo (2020) para refletir sobre as disparidades de poder existentes entre os produtores de conhecimento do Norte e do Sul global. Serve para denunciar o caráter eurocêntrico da ciência que se pretende “neutra” e “universal”, e que promove a marginalização de outros saberes, dentre eles, aqueles de mulheres, pessoas não-brancas e LGBTQIA+s.

perguntar: quais narrativas sobre o conflito russo-ucraniano têm ganhado legitimidade e destaque na mídia?

Em entrevista recente para o *Stance Podcast*,⁸ na qual são abordadas distintas narrativas sobre o conflito Rússia-Ucrânia, Enloe (2022) diz que no início de toda guerra há uma tendência em se classificar os envolvidos nas categorias de combatente, vítima ou vilão, em uma tentativa de simplificar a realidade. Dado isso, ela identifica duas representações sobre as mulheres ucranianas que têm predominado na mídia hegemônica e ocidental: a de vítimas e a de combatentes. São categorizações simplistas que impedem uma compreensão mais ampla acerca da atuação destas mulheres e que perdem de vista o fato de muitos papéis coexistirem entre si – como no caso de mulheres combatentes que foram vítimas de abusos sexuais perpetrados por seus próprios colegas.

A imagem das mulheres como vítimas é facilmente difundida, pois elas – juntamente com as crianças – são, de fato, as mais afetadas em contextos de guerra. No caso do conflito em tela, desde o início das investidas russas, a ONU Mulheres alerta para uma escalada de violência contra esse grupo. Segundo a Agência, mulheres e meninas têm vivenciado diversas formas de violência ao saírem ou permanecerem no país. Existem relatos de violações dirigidas a mulheres mais velhas, que encontraram dificuldade em deixar a Ucrânia ou que optaram deliberadamente por se manterem no país (Williams, 2022). Ademais, grupos ucranianos têm denunciado que tropas russas estariam utilizando do estupro de mulheres como “arma de guerra” (Nichols, 2022), e grupos feministas têm explicitado o caráter misógino de discursos de Vladimir Putin a respeito da Ucrânia, os quais estariam reproduzindo a “cultura do estupro” (Stabile, 2022).

O caráter sexuado dos conflitos armados e das guerras, além de organizar identidades e reforçar estereótipos relativos à feminilidade, acabam por transformar os corpos das mulheres (e de toda população não imediatamente identificada como masculina) envolvidas nos conflitos em espaço de disputa. Sendo historicamente percebido como frágil e débil, o corpo feminino – que é cotidianamente tomado como objeto a ser cuidado, direcionado ou, em uma perspectiva mais negativa, explorado ou violado (Colling, 2014) – em um conflito armado é tomado como objeto a ser utilizado para que os objetivos da guerra sejam alcançados.

A discussão do estupro como arma de guerra⁹ impulsiona análises sobre o emprego simbólico-étnico da violência sexual. Esse tipo de violação, dirigido

⁸ Disponível em: <<https://stancepodcast.com/episodes/ukraine>>.

⁹ A discussão do “estupro como uma arma de guerra”, já trabalhada por autoras feministas, ganhou destaque na política e no direito internacional nos anos 1990 – no contexto das discussões do Tribunais Penais para a antiga Iugoslávia e Ruanda – e viria a superar as reflexões desse tipo de violência como um produto inevitável dos conflitos. Como consequência, os crimes de violência sexual, cometidos em cenários de conflito e guerra, foram

majoritariamente às mulheres, serviria como uma forma, direta e indireta, de subjugar e humilhar determinados grupos sociais, culturais e/ou étnicos. A violência contra as mulheres, assim, além de afetá-las individualmente, gera impactos nas comunidades como um todo, influenciando sobre sua coesão social, segurança e resiliência.

Em uma situação de disputa por ocupação e domínio territorial, por meio do uso sistemático e estratégico do estupro como arma de guerra, os perpetradores submetem mulheres, crianças e, em menor número, homens a violações sexuais não só para causar a humilhação direta destes, mas também para desonrar e levar à desolação a comunidade ou ao grupo ao qual pertencem, causando uma desmoralização coletiva que pode perdurar por gerações (Machado, 2021). Esta perspectiva obedece a uma lógica pela qual tal crime desonra sua vítima e não o violador (Observatório de Crises Internacionais [OCI], 2021).

Ainda neste sentido, a violência sexual é utilizada pelos violadores como ferramenta para infundir o medo e forçar um processo amplo de deslocamento territorial. Diante dos relatos das atrocidades cometidas por grupos agressores e da possibilidade de serem submetidos ao mesmo destino, famílias e grupos se deslocam de áreas conflagradas em busca de segurança, facilitando o processo de ocupação territorial.

O estupro em situações de conflito armado é ainda utilizado como instrumento de genocídio, em um movimento que se soma à ocupação territorial, à limpeza e à substituição étnica. Como ocorreu na ex-Iugoslávia (1991-2001), as mulheres podem ser sequestradas, violentadas e mantidas reféns até o momento em que não possam mais abortar. Junto ao assassinato dos homens, esta prática resulta em eliminação do grupo étnico atacado (Machado, 2021). Neste contexto, os corpos femininos são utilizados como recompensas de batalhas e submetidos à escravidão, casamentos forçados dentre outras violências sexuais e de gênero que perpetuam e tornam mais perversa a dinâmica de poder já estabelecidas (Oliveira y Lima Júnior, 2019).

Como ressalta Meger (2016), a perpetração de práticas de violência sexual e outras violências baseadas em gênero muitas vezes está vinculada a dinâmicas e interesses político-econômicos – a uma economia política que ronda o conflito. No caso aqui analisado, chamam atenção as denúncias de que mulheres e crianças que cruzam as fronteiras em busca de refúgio estariam vulneráveis a abusos e a serem vítimas de tráfico. Algumas denúncias apontam para casos de mulheres abordadas por grupos criminosos envolvidos com o tráfico de pessoas. Eles tentam aliciá-las para a prostituição ou para trabalhos forçados por meio de um discurso em que prometem

incluídos, posteriormente, no Estatuto de Roma, que constitui as bases legais do Tribunal Penal Internacional (MEGER, 2016).

abrigo e segurança, aproveitando-se da situação de vulnerabilidade de seus alvos para obterem recursos econômicos. Defensores de direitos humanos, que estão trabalhando para que ucranianas e ucranianos se desloquem dos epicentros do conflito, têm relatado a atuação desses criminosos principalmente em estações de trem¹⁰.

Outro exemplo que lança luz para essa “economia da violência” é o caso, denunciado em reportagem de uma revista feminista, da existência de uma “pornificação” da guerra (Dines y Silverman, 2022). Imagens de violências sexuais contra mulheres e crianças traficadas são exibidas em websites mantidos pela indústria pornográfica que tem lucrado com as visualizações. Nesse sentido, os casos de violência sexual devem ser investigados como práticas pertencentes a uma dinâmica político-econômica que conecta indivíduos e interesses transnacionais. É importante ressaltar que essas violências, por sua vez, não necessariamente acabam com o encerramento formal da guerra.

A segunda imagem das mulheres ucranianas que impera na mídia é a das combatentes. Elas representam cerca de 15% do efetivo militar do país, que tem um dos maiores exércitos da Europa (Bloom y Moskalenko, 2022; Ferris-Rotman, 2022). Milhares delas têm se alistado para participar da guerra incentivadas por discursos do presidente Volodymyr Zelensky. Nas duas primeiras semanas do conflito, várias imagens e vídeos de mulheres treinando para o combate e se opondo a soldados russos armados foram divulgadas nas redes sociais. No dia 15 de março, a CNN reportou que, depois de deixar seus pais e filhos na fronteira com a Polônia, algumas delas voltaram ao país para lutar. São comuns os relatos que exaltam a bravura, a independência e a determinação das ucranianas, vistas como um símbolo de resistência.

A narrativa sobre mulheres ucranianas extremamente independentes foi construída historicamente. Com base em fatores geográficos, tenta-se explicar o temperamento “distinto” destas mulheres no folclore do país (Bloom y Moskalenko, 2022). Assim, cria-se um discurso no qual é comum a figura da mulher solteira, quase sempre viúva, que pode sobreviver e prosperar sem um homem. Não obstante a repercussão “positiva” da imagem da mulher ucraniana combatente, ela continua sendo secundária. Como afirmou uma ucraniana à CNN, “as duas coisas mais importantes que uma mulher ucraniana precisa saber é como fazer *borscht* [sopa de beterraba] e coquetéis molotov” (Musumeci, 2022). Ou seja, ela ainda deve lidar com expectativas de gênero que a restringem a determinados papéis na guerra, tais como cozinhar e produzir explosivos para os homens, esses sim, vistos como heróis da nação. Se, por um lado, há mulheres que escolhem deliberadamente participar dos

¹⁰ Para mais informações, acesse: <<https://www.un.org/press/en/2022/sc14857.doc.htm>>.

combates, outras têm encontrado dificuldades em se desvencilhar do serviço militar e sair do país: é o caso de mulheres trans que ainda não são reconhecidas legalmente pelo gênero feminino por causa de uma série de entraves legais e burocráticos do governo que atrasam esse processo (Cohen, 2022). Ressalte-se que desde seu posto de presidente, Zelensky tem criado mais e maiores barreiras ao reconhecimento de direitos aos LGBTQIA+.

Para além da presença das mulheres em situações de vulnerabilidade e como combatentes no conflito, elas também estão trabalhando como voluntárias, serviço no qual são maioria, e agentes de fronteira, gerenciando o fluxo de pessoas e atuando na recepção dos refugiados – como ocorre na Moldávia. Da mesma maneira, muitas estão prestando serviços humanitários, como médicas e psicólogas, e nas linhas de frente dos confrontos para proteger os civis (Bloom; Moskalenko, 2022; UN Women, 2022).

Ademais, as mulheres têm desempenhado um papel crucial para a denúncia de crimes de guerra à comunidade internacional e aos órgãos do governo ucraniano. Um coletivo de mais de 120 mulheres ucranianas chamado Dattalion, têm tirado fotos e gravado vídeos das áreas de tensão, divulgando as imagens em um banco de dados para amplo acesso (Dattalion, 2022)¹¹. Na mesma linha, grupos feministas na Ucrânia, na Rússia, em Belarus e outros países têm feito campanhas antiguerra nas ruas. Feministas russas auto-organizadas, além de pessoas LGBTQIA+, por exemplo, têm protestado por meio da publicação de pôsteres, performances e grafites em locais públicos, e usado o *Telegram* para mobilizar apoiadores.

Por fim, outro papel pouco visível é o das mulheres voluntárias que costuram uniformes militares, redes que são usadas para camuflar o equipamento militar ucraniano nas imagens de satélite russas e capas verdes para cobrir *snipers*. Os pacotes com as encomendas são enviados a soldados ucranianos acompanhados de doces e pó de café como uma forma apoiar os soldados em seu esforço de guerra.

Em resumo, há vários grupos de mulheres exercendo distintos papéis no conflito na Ucrânia. Nessa ligeira pesquisa, pode-se identificar posicionamentos de mulheres que vão desde aquela que assumem o direito de lutar – caso das combatentes ucranianas – até posições de completa abominação da guerra – como as feministas antibelicistas. Entre estes dois extremos, ambos vistos como feministas, há um amplo espectro de comportamentos que incluem, como o do Dattalion acima mencionado, a tradicional perspectiva binária da guerra e da política. Como afirma Elshtain (1995), há inclusive aqueles grupos que defendem posições contraditórias, todos eles

¹¹ Cabe observar que o Dattalion é uma organização de apoio ao governo de direita na Ucrânia e que defende o tradicional papel de gênero (mães e esposas) das ucranianas. Apesar disso, as denúncias ali divulgadas parecem ser fundamentadas.

contribuindo para um olhar distinto e que deve ser relevado para a compreensão de gênero e, neste sentido, para a defesa da equidade nas relações internacionais.

5. Considerações finais

Como buscou-se mostrar aqui, existem diversas narrativas construídas sobre as mulheres e homens em situações de conflitos armados. Tais narrativas mostram que para compreender a atuação dos sujeitos em situações de violência é preciso olhar além de uma visão binária de combatentes *versus* vítimas. Quando divulgadas pela grande mídia, as narrativas sobre as mulheres são categorizadas como menos importantes e tendem a reproduzir estereótipos de gênero que mobilizam discursos violentos para a proteção dessas mulheres. A partir disso, perguntamos: quem tem (re)produzido essas narrativas? Com quais objetivos? E, ainda, qual o impacto dessas narrativas na manutenção da violência?

O aprofundamento nessas questões, bem como em outras reflexões acerca dos diversos aspectos político-econômicos em torno da violência específica sobre as mulheres permite exercer uma “curiosidade de gênero”, aqui focado o conflito russo-ucraniano. Essa “curiosidade” não tem um fim em si mesma, mas contribui para romper com os estereótipos construídos sobre masculinidades e feminilidades e investigar os elementos que estruturam a violência. As mulheres estão nos espaços políticos atuando em diversas posições, impactando e sendo impactadas de formas particulares pelas guerras e pelos conflitos armados. Assim, elas também devem ser chamadas para pensar nas possibilidades de encerramento dessa guerra e, principalmente, de enfrentamento das violências, que muitas vezes podem se prolongar mesmo após a paz acordada.

294

6. Referências Bibliográficas

- Amnesty International UK (2022). *Press releases*. Russia: feminist activist could be jailed for ten years for putting anti-war slogans on supermarket labels. Recuperado de <https://www.amnesty.org.uk/press-releases/russia-feminist-activist-could-be-jailed-ten-years-putting-anti-war-slogans>.
- Bloom, Mia y Moskalenko, Sophia (2022). Ukraine's women fighters reflect a cultural tradition of feminist independence. *The Conversation*. Recuperado de <http://theconversation.com/ukraines-women-fighters-reflect-a-cultural-tradition-of-feminist-independence-179529>.
- Buzan, Barry; Hansen, Lene. (2012). *A evolução dos Estudos de Segurança Internacional*. São Paulo: Editora Unesp.

- Cohn, Carol (Ed). (2013). *Women and wars: Contested histories, uncertain futures*. John Wiley & Sons.
- Cohen, Li (2022). A war within a war: Transgender woman says transphobia and discriminatory laws keeping her hostage in Kyiv during Russian invasion. *CBS News*. Recuperado de <https://www.cbsnews.com/news/transgender-woman-transphobia-russia-ukraine-invasion/>.
- Colling, Ana Maria. (2014). *Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história*. Dourados, Ed. UFGD.
- Cooke, Mariam G.; Woollacott, Angela. (1993). *Gendering war talk*. New Jersey, Princeton University Press.
- Dattalion. (2022). *Dattalion: Ukraine's data* Dattalion. Recuperado de <https://dattalion.com/>
- Dines, Gail; Silverman, Eric. (2022). The pornification of war in Ukraine. *MsMagazine*. Recuperado de <https://msmagazine.com/2022/03/30/ukraine-porn-war-women-russia-sex-trafficking/>.
- Di Giorgio, Florencia; Sanchez, Leandro; Jacques, Mariana. Perspectiva de género(s) y feminismos en el campo de las Relaciones Internacionales. Trayectorias, identificaciones y perspectivas ibero-americanas. In *Perspectivas*, Revista de Ciencias Sociales, Año 6, no. 1, Enero-Junio 2021, pp. 405-433.
- Elshtain, Jean. (1982). On beautiful souls, just warriors and feminist consciousness. In: *Women's Studies International Forum*. Pergamon, p. 341-348.
- Elshtain, Jean. (1987). *Women and War*. Chicago, University of Chicago Press.
- Enloe, Cynthia. (1989) *Bananas, Beaches and Bases: Making Feminist Sense of International Politics*. 2. ed. Berkeley and Los Angeles, University of California Press.
- Ferris-Rotman, Amie (2022). Ukrainian Women Are Mobilizing Beyond the Battlefield to Defend Their Country. *Time*. Recuperado de <https://time.com/6159261/women-ukraine-war-russia/>.
- Goldstein, Joshua S. (2003). *War and gender: How gender shapes the war system and vice versa*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Kassova, Luba; Scharff, Xanthe. (2022) Ukrainian women on the front lines but not in the headlines. *Foreign Policy*. Recuperado de <https://foreignpolicy.com/2022/03/20/ukrainian-women-in-the-frontlines-but-not-the-headlines/>.
- Machado, Aline de Souza. (2021) A violência sexual como arma de guerra: a atuação do Tribunal Penal Internacional no caso Iugoslavo. Trabalho apresentado no 12º Seminário Internacional 'Fazendo Gênero'. Florianópolis, UFSC, 2021, 16pp.

- Meger, Sara. (2016). *Rape Loot Pillage. The Political Economy of Sexual Violence in Armed Conflict*. New York, Oxford University Press.
- Mignolo, Walter D. (2020). A geopolítica do conhecimento e a diferença colonial. *Revista lusófona de educação*, v. 48, n. 48, p. 187-224. [doi: 10.24140/issn.1645-7250.rle48.12]
- Moura, Tatiana (2008). Rostos Invisíveis da Violência Armada: um estudo de caso sobre o Rio de Janeiro. *Gênero*. Niterói, v. 8, n. 2, p. 227-256.
- Musumeci, Natalie (2022). Ukrainian mom helping the war effort says she's making the two 'most important things' for the troops: borscht and Molotov cocktails. *Business Insider Africa*. Recuperado de <https://africa.businessinsider.com/news/ukrainian-mom-helping-the-war-effort-says-shes-making-the-two-most-important-things/2l76r5r>.
- Nichols, Michelle (2022). Ukraine rights group tells top U.N. body that rape used as weapon of war. *Reuters*. Recuperado de <https://www.reuters.com/world/europe/ukraine-rights-group-tells-top-un-body-that-rape-used-weapon-war-2022-04-11/>.
- Observatório de Crises Internacionais (OCI). (2021). Estupro como arma de guerra. Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco (DCP-UFPE). Recuperado de <https://sites.ufpe.br/oci/2021/10/18/estupro-como-arma-de-guerra/>.
- Oliveira, Bárbara de Abreu; Lima Júnior, Jayme Benvenuto. (2019) O estupro como estratégia de guerra em conflitos armados: a experiência do tribunal penal internacional para a antiga Iugoslávia nos casos de violência de gênero. In: BJIR, Marília, v. 8, n. 1, p. 97-116. Recuperado de <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjir/article/view/8301/5718>.
- Petterson, V. Spike (2010). Gendered Identities, Ideologies, and Practices in the Context of War and Militarism. In: Sjoberg, Laura; Via, Sandra (Eds). *Gender, war, and militarism: feminist perspectives*. ABC-CLIO, p. 17-29.
- Sjoberg, Laura (2009). Introduction to security studies: Feminist contributions. *Security Studies*, v. 18, n. 2 p. 183-213.
- Sjoberg, Laura y Via, Sandra (2010). *Gender, war, and militarism: feminist perspectives*. Denver, ABC-CLIO.
- Stabile, Bonnie (2022). Rape Rhetoric and Russia's War on Ukraine. *MsMagazine*. Recuperado de <https://msmagazine.com/2022/03/01/rape-rhetoric-russia-war-on-ukraine-putin>.
- Tickner, J. Ann. (1992) *Gender in International Relations: Feminist Perspectives on Achieving Global Security*. New York, Columbia University Press.

- Tickner, J. Ann (2001). *Gendering world politics: Issues and approaches in the post-Cold War era*. New York, Columbia University Press.
- Tickner, J. Ann. (1997) You Just Don't Understand: Troubled Engagements Between Feminists and IR Theorists. *International Studies Quarterly*, [s.l.], v. 41, n. 4, p. 611-632.
- UN Women (2022). Women and girls lead humanitarian response to war in Ukraine. Recuperado de <https://www.unwomen.org/en/news-stories/feature-story/2022/03/women-and-girls-lead-humanitarian-response-to-war-in-ukraine>.
- Weber, Cynthia. (1994). Good Girls, Little Girls, and Bad Girls: Male Paranoia in Robert Keohane's Critique of Feminist International Relations. *Millennium*, [s.l.], v. 23, n. 2, p. 337- 349.
- Wilcox, Lauren (2009). Gendering the cult of the offensive. In: SJOBERG, Laura (Ed). *Gender and International Security: Feminist perspectives*. New York, Routledge, p.61-82.
- Williams, Holy (2022). Elderly Ukrainian woman says she was raped after Russians took her village: "I wish he had killed me instead of what he did". *CBS News*. Recuperado de <https://www.cbsnews.com/news/ukraine-russia-war-soliders-rape/>.
- Woollacott, Angela. (2007) A feminist history of violence: History as a weapon of liberation? *Lilith: A Feminist History Journal*, [s.l.], v. 16, n. 1, p. 1-16.